

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

SAULO AUGUSTO PEREIRA SANTANA

**PERMANÊNCIA DE ESTUDANTES DE ORIGEM POPULAR NO ENSINO
SUPERIOR**

Rio de Janeiro

2024

SAULO AUGUSTO PEREIRA SANTANA

**PERMANÊNCIA DE ESTUDANTES DE ORIGEM POPULAR NO ENSINO
SUPERIOR**

Monografia de conclusão de curso apresentada à
Faculdade de Educação, Centro de Filosofia e Ciências
Humanas, Universidade Federal do Rio de Janeiro,
como parte dos requisitos necessários à obtenção do
grau de Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Prof.a Dr^a. Rosana Rodrigues Heringer

Rio de Janeiro

2024

SAULO AUGUSTO PEREIRA SANTANA

**PERMANÊNCIA DE ESTUDANTES DE ORIGEM POPULAR NO ENSINO
SUPERIOR.**

Monografia de conclusão de curso apresentada à Faculdade de Educação, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Licenciatura em Pedagogia.

Aprovada em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Prof. Dr^a Rosana Rodrigues Heringer
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Prof^a. Ms. Paloma da Silveira da Silva

Prof. Dr^a. Patrícia Raquel Baroni
Universidade Federal do Rio de Janeiro

AGRADECIMENTOS

“A educação é um elemento importante na luta pelos direitos humanos. É o meio para ajudar os nossos filhos e as pessoas a redescobrirem a sua identidade e, assim, aumentarem seu auto-respeito. Educação é o nosso passaporte para o futuro, pois o amanhã só pertence ao povo que prepara o hoje.”

Malcom X

É imensurável a alegria de chegar até aqui e poder concluir mais uma etapa da vida acadêmica e da vida.

Em primeiro lugar, agradecer a Deus e a todos os Orixás, por me permitir dar o dom da vida, ter meus sentidos apurados, ter saúde para andar e conseguir manter a saúde mental para enfrentar as barreiras cotidianas que são apresentadas em meu processo.

Agradecer a meu Pai Paulo Augusto (*In Memoriam*), que retornou ao mundo espiritual e que tenho certeza que olha para mim e torce por meu sucesso, as lembranças que tenho com ele, os passeios que nós fazíamos e que me mostrou o caminho do bem para ser uma pessoa melhor.

A minha Avó Clarice (*In Memoriam*) materna, que também olha para mim de lá do mundo espiritual, que me criou, me ensinou as primeiras letras, me ensinou a respeitar as pessoas e os mais velhos.

A minha Mãe Zilda Chaves, que é meu total alicerce, pessoa que eu admiro infinitamente, que mostrou e aplicou seu amor de Mãe, me deu carinho, me ensinou sobre a vida, vários momentos políticos que discutimos sobre questões raciais, sociais e de Favela e que ainda tenho muito que aprender com ela.

A minha Irmã Bruna Clara que eu amo, por estar comigo desde sempre e por ser uma extensão mais próxima e direta dos meus pais e por ser a pessoa consanguínea que está comigo.

Aos meus irmãos Breno Santana e Paulo Jr, por parte de Pai, que por um destino não tenho tanto contato quanto gostaria, mas também quero agradecer suas existências e de certa forma homenageá-los.

As minhas sobrinhas filhas da minha Irmã, são elas: Anna Clara, Anna Letícia e Anna Livia que moram na mesma casa que eu e são com elas que pratico o amor em família mesmo não sendo fácil diariamente.

Ao grupo PET que fiz parte assim que cheguei à UFRJ, meus agradecimentos a Professora Rosana Heringer e a Greyssy Araújo e a todos (as) participante do grupo, foicom eles/elas, que evoluí academicamente no sentido de reconhecer e decifrar os textosmais complexos, entender como iria escrever tal resenha ou críticas, essas percepções só me acrescentaram minha visão dentro da UFRJ.

Aos Amigos de classe de Faculdade, em especial Vinícius Lima, Thiago Barrose Thiago Becker esses que estavam mais próximos de mim, em momentos de risadas, momento de discussão política, momentos de viagens acadêmicas e que contribuíram também para o complemento de minha formação.

A Nívea Souza que esteve comigo nos momentos finais do meu curso, me apoiando, me incentivando a finalizar a minha monografia em momentos que era mais difícil para mim.

À Escola Quilombista Dandara de Palmares, que tem um papel de extrema relevância na educação das crianças do Complexo do Alemão, onde atuo de forma voluntária.

Ao Mestre com carinho, Antônio Bispo dos Santos (*In Memoriam*), poeta, escritor e líder quilombola, que fez sua passagem no dia 3 de dezembro de 2023, me deixando e nos deixando órfãos de seus conhecimentos da *Terra Dá*, *A Terra Quer* e de suas experiências de vida. Conheci Nêgo Bispo em 2018 e de lá para cá suas escritas meacrescentaram bastante não só academicamente como em minha vida pessoal. Ele se torna agora um Ancestral que será sempre lembrado.

À UFRJ, por me proporcionar e ter contato com outros tipos de escritas, textos, os conhecimentos que adquirir nesse espaço, as pessoas que conheci os excelentes Professores e Professoras que estão por lá e toda experiência vivenciada neste espaço, sou grato.

Obrigado!

RESUMO

PERMANÊNCIA DE ESTUDANTES DE ORIGEM POPULAR NO ENSINO SUPERIOR.

Este trabalho tem por objetivo apresentar a trajetória dos estudantes de origem popular e sua permanência nas instituições de ensino superior e como esses estudantes encontram e buscam recursos, sejam financeiros, sejam pelo apoio pedagógico para decifrar os “novos códigos” (Coulon, 2008) que são apresentados na graduação e que muitas vezes dificultam a vida acadêmica destes estudantes. O tema deste trabalho surge também por eu ser um estudante de origem popular e sobre minha trajetória até a universidade e pelo período que estive no Programa de Educação Tutorial (PET) durante a graduação de Pedagogia na UFRJ. A importância de estudar essa temática está ligada ao processo de democratização do ensino, minimização das desigualdades sociais e na transformação do ensino superior, buscando assim um novo tipo de intelectual (Magalhães, 2013) por parte dos estudantes, através das políticas públicas, ações afirmativas e das leis destinadas a esse assunto. O perfil dos estudantes são os que trabalham para ajudar nas despesas domésticas, prestam pré-vestibular comunitário/popular e realizam a prova mais de uma vez até o sucesso da aprovação. A metodologia usada neste trabalho consiste em uma pesquisa qualitativa, com pesquisa bibliográfica realizada, no site da ANPED e no site da SCIELO, com as palavras-chave tais como: “permanência no ensino superior”, “origem popular”, “ensino superior” e “políticas de permanência”, relacionadas ao tema, para obter aporte teórico. E um questionário com 10 perguntas sobre como o (a) estudante se identifica e como foi o acesso e permanência no ensino superior. Serão apresentados argumentos para responder as três perguntas em questão: “Como fazem para permanecer?”, “Quais são os recursos?” e “Como fazem para custear transporte, alimentação e material?”. O foco do trabalho são os estudantes de origem popular que ingressaram nos cursos de graduação em universidades públicas brasileiras, articulando com o conceito de afiliação e o apoio da universidade para os estudantes.

Palavras-chave: Permanência ensino superior; origem popular; ensino superior e políticas de permanência.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ANPED – Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

CNPQ– Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio

ENEPE - Encontro Nacional de Estudantes de Pedagogia

FIES -Financiamento ao Estudante do Ensino Superior

IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada

IPS – Índice de Progresso Social

MEC –Ministério de Educação

MNU – Movimento Negro Unificado

OCDE – Organização Para A Cooperação E Desenvolvimento Econômico

PET –Programa de Educação Tutorial

PIBIC – Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica

PNAES –Plano Nacional de Assistência Estudantil

PR1 – Pró-Reitoria de Graduação

PVP/C – Pré-Vestibular Popular/Comunitário

REUNI – Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais

SCIELO – Scientific Electronic Library Online

SIAC –Semana de Integração Acadêmica

SIGA – Sistema Integrado de Gestão Acadêmica

SISU –Sistema de Seleção Unificada

UERJ – Universidade Estadual do Rio de Janeiro

UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro

USP –Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| 1- INTRODUÇÃO | 11 |
| 1.1- RELEVÂNCIA E COMPREENSÃO DO TEMA..... | 13 |
| 1.2 – HIPÓTESE | 14 |
| 1.3- METODOLOGIA..... | 15 |
| 2- DISCUSSÃO TEÓRICA | 16 |
| 2.1- DESIGUALDADE NO ENSINO SUPERIOR..... | 16 |
| 2.2. DADOS DA PREFEITURA DO RIO DE JANEIRO | 20 |
| 2.3-ACESSO PERMANÊNCIA NO ENSINO SUPERIOR NO BRASIL | 22 |
| 2.4- AÇÕES AFIRMATIVAS | 23 |
| 3-BREVE HISTÓRICO DA UFRJ E IMPLEMENTAÇÃO DAS AÇÕES AFIRMATIVAS..... | 27 |
| 4-PERCEPÇÕES DE ESTUDANTES SOBRE SUA TRAJETÓRIA UNIVERSITÁRIA..... | 29 |
| 4.1- PERGUNTAS E RESPOSTAS | 33 |
| 5- CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 35 |
| REFERÊNCIAS | 37 |
| ANEXO 1 | 39 |

1. INTRODUÇÃO

Pois bem, eis que chega o final de um começo, a preparação e posteriormente a apresentação da monografia para obtenção do título em Pedagogia. Lembro-me de quando estava no ensino médio, por vezes falei: “não vejo a hora de ser aprovado para terminar”, e agora vivendo a universidade e conversando com professores (as) que têm títulos de pós-doutorado, vejo que esse “terminar” está bem longe de se concretizar.

Sabe a máxima, “ninguém faz nada sozinho” então, devo muito aos meus pais, por me incentivarem aos estudos e por investirem e acreditarem em meu sucesso e me manterem no caminho da educação e olha aonde cheguei, sim, na Faculdade de Educação, que a princípio não era minha primeira opção de curso, o que é muito comum no curso de Pedagogia, os estudantes dizerem que o curso em questão não é sua preferência, Os/As que falam que é seu curso de preferência, tem influência dos pais, que são professores ou gestores em alguma escola, o que não era meu caso. Minha mãe bem lúcida em 2008 voltou a estudar e terminou o ensino médio e tem vontade de cursar ciências sociais, porém ainda não aconteceu e meu pai (já falecido) terminou o ensino fundamental, ele que era o cara dos concursos, fazia e era aprovado.

Em algumas palavras, minha trajetória até o ensino superior, foi “normal” (normal no sentido de realizar cada ano, após ano normalmente até concluir o ensino médio). Estudar as questões sociológicas e históricas da educação é olhar para si, ao longo do que foi minha trajetória até o ensino superior e entender os pontos relevantes que se apresentam.

Depois de um árduo período de 10 anos (e todo sucateamento do sistema público de educação) tentando ser aprovado no vestibular, me matriculando em pré-vestibular comunitário social, ora estudando por conta própria, pedindo dicas de pessoas próximas a mim que já haviam passado por esse processo do vestibular, enfim chegou a tão sonhada aprovação. Mas e agora, o que será? Como será a vida acadêmica? Como o lugar e as pessoas vão me receber?

Em primeiro lugar, quando ingressei as aulas já haviam começado e não encarei isso como positivo, parece que eu estava em uma esteira e essa já em movimento, eu pulei e já comecei a correr e esse verbo “correr” representa bem o que nós estudantes vivenciamos na universidade.

As dúvidas foram se apresentando cada vez mais. No primeiro período a grade de disciplina já estava lá disposta, a princípio era só comparecer nas aulas. Porém, a

partir do segundo período em diante, o (a) estudante deve ter autonomia para entrar no Sistema Integrado de Gestão Acadêmica (SIGA), que consiste no acesso via web, pelo qual os estudantes obtenham sua matrícula e outras informações.

E então, mais perguntas, como acessar tal sistema? No próprio campus da universidade posso realizar tal ação? Existe alguém ou um grupo que possa auxiliar e ajudar os estudantes? Esse estranhamento, distanciamento e dúvidas o sociólogo e etnometodólogo francês Alain Coulon (2008) vem chamar de conceito de afiliação, que será apresentado mais para frente.

Devo constar que por ter amigos que já estavam na universidade, esses me falaram um pouco de como é a vida do estudante, obviamente que não chega nem perto de quando estamos “pulando com a esteira” já em movimento e vivendo esse processo acadêmico.

O primeiro período ainda que com as disciplinas introdutórias como sociologia da educação e história da educação, essas que são bases aqui para este trabalho, também me causaram estranheza por parte do conteúdo, se mostrando complexa no meu entendimento. Lembro em uma aula de sociologia em uma atividade que consistia em um trabalho em grupo que cada um dos representantes do grupo, pegava um papel com uma frase e um autor, e assim discutia essa frase, o grupo respondia se concordava ou não com tal afirmação, e o único autor que eu estava familiarizado era Karl Marx, que lembrava vagamente da época do ensino médio.

A quantidade de textos que tínhamos que ler para as aulas também era grande, a distância da minha residência até o campus era uma questão e a jornada casa/faculdade/trabalho sendo também cansativo. Contudo, o meu ingresso no grupo de Pesquisa no Programa Educação Tutorial (PET), mostrou-se o momento decisivo para eu viver de forma mais plena a vida acadêmica. O objetivo do PET é desenvolver estratégias institucionais que garantam a permanência dos estudantes de origem popular na UFRJ e também o que me levou a escrever sobre esse assunto juntamente com o que comecei a pensar quando cursei a disciplina Monografia.

Considero de fato, a minha participação no PET como momento crítico e positivo, pois foram momentos de muita aprendizagem ao lado das Professoras Rosana Heringer e Greyssy de Souza e os colegas que certamente só acrescentaram para o meu desenvolvimento acadêmico.

A participação na Semana de Integração Acadêmica da UFRJ, (SIAC) um episódio ímpar que acrescenta muito para o currículo estudantil. A oportunidade de

viajar com a turma para o Encontro Nacional de Estudantes de Pedagogia (ENEPE), conhecer pessoas de outros estados e ainda poder compor a mesa é uma honra e muito aprendizado para por em minha bagagem.

Esses fatos que aconteceram desde o momento que ingressei na UFRJ, me completaram academicamente, as pontas que estavam soltas quando cheguei à universidade, aos poucos foram se amarrando de forma sólida e assertiva e “subir na esteira” aos poucos já não era tão difícil assim como foi no início, mas ainda assim, algumas lacunas faltavam a serem preenchidas.

1.1. RELEVÂNCIA E COMPREENSÃO DO TEMA

Destacamos a relevância do estudo sobre acesso e permanência no ensino superior, quem são as pessoas que evadem e quem são as que permanecem. A minha própria trajetória pode se considerar como um exemplo, pois até o ensino médio, eu não tinha a ideia de universidade como uma possibilidade de um caminho a ser traçado e a continuação dos estudos. Assim, como minha história, outros estudantes secundaristas ainda não têm essa ideia como algo natural a prosseguir em sua carreira. Sendo assim, as questões individuais, sociais ficariam de certa forma em segundo plano, colocando em xeque a meritocracia, colaborando para que grupos que já têm um histórico de negação frente à educação ocupem cargos mais elevados na educação ou até mesmo permaneça.

Discutir permanência e sua relevância é compreender os resultados de qualidade de uma instituição de ensino, quais planos de ação seguir quais estratégias, para reter os números de evasão, é o que gestores e pesquisadores que estão voltados para o tema devem fazer, ainda mais quando esses números tratam de estudantes pretos, pardos e indígenas.

Para o especialista em marketing educacional Glauson Mendes¹ deve haver análises separadas para ensino superior público e privado, pois, para ele, existem diferenças em sua composição, forma e sua abordagem.

Para Mendes ainda, existem dois porquês, a instituição deve ser o “porque”: por que ela está ali? Mendes, para explicar a instituição, imagina um helicóptero vir até o campus da instituição, descolar o prédio e suas dependências, que diferença essa instituição fará para a comunidade local, para as pessoas, para sociedade, o quanto a população sentiria isso? Mas ele

¹ ver em: <https://www.youtube.com/watch?v=zNgthmN6CCQ&t=821s> Acesso em 13/06/2024.

completa que também deve existir o porquê do estudante da perspectiva do olhar do estudante e não apenas como a instituição olha esse estudante.

A importância de estar matriculado em um curso de ensino superior é a transformação que este pode trazer ao indivíduo e a comunidade em que está inserido, desenvolvimento econômico e melhores condições de empregabilidade. Programas como Reuni, o sistema do SISU e o próprio ENEM são formas de garantir que alguns estudantes em condições de vulnerabilidade, seja econômica ou social, têm de se manterem uma instituição de ensino superior e possivelmente continuar os estudos após a graduação.

1.2 – HIPÓTESE

A política de ação afirmativa e a lei de cotas existem para garantir o acesso e permanência do estudante de origem popular preto, pardo e indígena na universidade, porém parafraseando Steve Biko, “*estamos por nossa própria conta*”, uma vez que para este grupo citado aqui em questão, não se pode e não deve esperar que os ambientes, seja este universitário ou outro, cumpram tais leis e exigências. A maioria destes ambientes não cumprem tais normas. Vale lembrar que a própria UFRJ negou por muito tempo o sistema de cotas, alegando que a qualidade do ensino diminuiria e a nota da instituição ficaria baixa.

Afirmando que os coletivos universitários que cumprem a função de acolher e orientar estes estudantes devem fazer o movimento de perfuração dentro da universidade. Movimento este de incomodar, reivindicar o que for de direito a fim de se garantir o mínimo de equidade.

A busca pela liberdade se relaciona também com o processo emancipatório educativo e continuativo. A intelectual negra Grada Kilomba em entrevista ao programa “Roda Viva” citou sobre o poder de uma pessoa negra. A autora disse:

Eu acho que o verdadeiro empoderamento de qualquer pessoa negra ou de qualquer pessoa de uma diáspora ou de uma comunidade marginalizada é ter a liberdade de ser humana. Isso quer dizer que nós às sabemos, outras vezes choramos, outras vezes não sabemos, outras vezes não queremos saber. (KILOMBA, 2024).

Segundo Quijano (2005), constituindo um poder capitalista mundial moderno eurocêntrico a partir da ideia de raça em que os colonizados são biologicamente feios e inferiores aos colonizadores estamos diante de uma visão de colonialidade do poder. Para Biko “o negro é lindo” uma forma de acalantar a auto-estima das pessoas que eram deformadas em todos os sentidos pelo apartheid.

A questão aqui vai além da estética da beleza corporal que Horace Miner coloca em evidência em “Ritos Corporais Entre Os Sonacirema” (MINER, 1976) é entender que a escrevivência e o capital cultural deste grupo de pessoas que já subiram na esteira da vida em movimento deve se levar em conta. Comol afirma Quijano: “É tempo de aprendermos a nos libertar do espelho eurocêntrico onde nossa imagem é sempre, necessariamente, distorcida. É tempo, enfim, de deixar de ser o que não somos”. (QUIJANO, 2005).

1.3- METODOLOGIA

A pesquisa bibliográfica foi realizada através dos sites da SCIELO e ANPED, foram pesquisadas no campo da busca as palavras: Permanência Ensino Superior, Origem Popular, Ensino Superior e Políticas de Permanência.

A estratégia para coletar dados foi por perguntas, enviadas via aplicativo de conversa Whatsapp, para estudantes de graduação sobre sua trajetória. Os nomes apresentados são fictícios para preservar a identidade de cada pessoa.

As perguntas foram enviadas a essas pessoas por minha proximidade com elas, por serem colega de curso ou colegas que já estavam na universidade antes do meu ingresso. O questionário foi enviado a estudantes de outras universidades públicas, não ficando restrito a UFRJ.

A questão de ser natural ou não cursar o ensino superior, será um tema aqui neste trabalho. Exponho como processo “natural” a trajetória de ingressar no ensino superior logo após o último ano do ensino médio, sem os entraves existentes que os estudantes de origem popular apresentam a esteira que no meu caso estava em forte movimento, grupos sociais dados como classe média, esta esteira andou lado a lado de forma harmoniosa de moda a esperar o estudante subir nela para prosseguir sua carreiraacadêmica. Com isso formulei 10 perguntas, para que alguns estudantes de graduação respondessem suas pretensões até a entrada no ensino superior.

Este trabalho está organizado da seguinte forma: na primeira parte, apresenta a relevância e compreensão do tema, posteriormente já mencionado a metodologia, em seguida a discussão teórica e um resumo do histórico da UFRJ e a implementação das ações afirmativas. Em seguida apresenta as respostas dos estudantes sobre sua trajetóriaestudantil. Finalmente serão feitas as considerações finais.

2. DISCUSSÃO TEÓRICA

2.1 – DESIGUALDADE NO ENSINO SUPERIOR

Expondo a importância de discutir o tema de permanência no ensino superior, aponto a contribuição de alguns autores que se apresentam como base teórica para o assunto, como, Alain Coulon (2008; 2017), Pierre Bourdieu (1989; 1998), Rosana Heringer (2018) As considerações desses autores nos concedem a base para aprofundar mais no tema de forma ampla e crítica.

Os estudos sociológicos que abordam essas temáticas mostram a fundo as questões sobre reprodução das desigualdades sociais e escolares. Bourdieu (1998), em *A Escola Conservadora*, apresenta que a “normalidade cultural escolar”, na verdade está corroborando para a conservação da cultura social e escolar que são dominadas pelas camadas mais privilegiadas que detém em sua maioria as riquezas, o capital e o capital cultural. De acordo com o autor:

É provavelmente por um efeito inércia cultural que continuamos tomando o sistema escolar como um fator de mobilidade social, segundo a ideologia da “escola libertadora”, quando, ao contrário, tudo tende a mostrar que ele é um dos fatores mais eficazes de conservação social, pois fornece a aparência de legitimidade às desigualdades sociais, e sanciona a herança cultural e o dom social tratado como dom natural (BOURDIEU, 1998).

Na visão do autor, a própria escola contribui para as desigualdades. Podemos observar este ponto no acesso ao ensino superior, a camada que mais acessa, são as camadas mais privilegiadas, mencionada aqui, enquanto os filhos dos assalariados enfrentam mais dificuldades para o ingresso, mantendo assim um único perfil de grupo que se perpetua na universidade por muito tempo.

Apesar da distância geográfica da pesquisa do sociólogo, pontos em comuns aparecem em nossa sociedade brasileira. Os privilégios familiares aparecem de forma silenciosa, quando apenas é explícito em pesquisas, avaliações e o próprio sucesso escolar ainda que de forma não absoluta, aqui observamos a “inércia cultural” que Bourdieu menciona.

Nessa perspectiva o dom é contestado de forma parcial, de modo que a qualidade inata do sujeito esteja carregada com informações que foram passadas por um

capital cultural familiar, por instituições de excelência ou ainda pelo “caminho natural” até a universidade que não acontece com todos.

O capital cultural alcança ativos sociais pessoais, relacionados à educação e intelecto que viabiliza a mobilidade social em uma sociedade estratificada. Bourdieu e Passeron utilizaram o conceito para explicar o desempenho acadêmico das crianças na França.

Bourdieu (1998) continua tratando das formas de exclusões escolares em “Os excluídos do interior”. Imaginemos duas setas apontadas para lados opostos, para um lado está; prédios improvisados para atender um enorme volume de pessoas, professores improvisando para aplicar as aulas, salas que têm seu espaço reduzido. Já na outra seta; ginásios pensados para atender os estudantes, turmas com seu número de contingente controlado, professores distribuídos de forma organizada para as disciplinas, pessoas que seguiram o caminho de forma natural (seguir de forma natural sem atraso anual os anos de cada série acadêmica, define-se por forma natural) até chegar ao ensino superior semelhante à carreira dos pais e dos avós. Em qual das setas foi a trajetória escolar acadêmica da maioria dos estudantes?

Aqui o autor vai expor como os primeiros anos escolares e o capital cultural tem uma força significativa até o ensino superior. Pois agora, os menos favorecidos que chegaram serão excluídos através de inúmeros mecanismos de seleção, caso não possuam bagagem cultural necessária dentro do espaço. Essa linha de raciocínio que o autor apresenta pode ser observada, pela própria trajetória do estudante, não de maneira absoluta, mas em sua maioria, como esse estudante se formou, os espaços eram adequados, houve uma preparação visando os anos seguintes até universidade?

Em síntese, a complexa teoria de Bourdieu e Passeron (1982) que obviamente não está completa aqui, mostra resultados que prejudicam as classes populares e concedem vantagem aos estudantes mais opulentos, esses que têm maior capital cultural como vimos. Contradizendo assim, o discurso de meritocracia e igualdade que a escola prega, pelo contrário, essas falas igualitárias servem de dominação. Acrescento aqui ainda, o cotidiano do estudante periférico, da favela, do gueto que enfrenta situações adversas, discriminatórias e até mesmo racistas para sair de sua casa até a escola, curso, trabalho ou para a universidade, como por exemplo, operações policiais, impossibilitando seu deslocamento, incursões essas que resultam em cancelamento de aulas. Como esse estudante disputa com um estudante abastado? Como fica a saúde mental desse estudante? São variantes existentes em nossa sociedade que fomentam a desigualdade social e escolar.

Acrescentando o que Pierre Bourdieu nos apresenta sobre a forma normal e automática das escolas reproduzirem a exclusão educacional e social, Silvio de Almeida nos mostra o conceito de racismo estrutural. Em seu livro que leva o mesmo nome do conceito, o autor aplica essa noção em diversas áreas como: economia, direito e subjetividade. Para Almeida:

...sobre o caráter institucional do racismo, é a ideia de que as instituições são fundamentais para a consolidação de uma supremacia branca ou, dito de maneira mais ampla, da supremacia de um determinado grupo racial (ALMEIDA, 2019).

Coulon é bastante categórico afirmando que o estudante que chega a universidade deve aprender o ofício de estudante. O que o autor nos chama atenção é a transição do ensino médio para o ensino superior, e o que fazer para que o discente não fique perdido nesse ambiente.

Aprender o ofício de estudante significa que é necessário aprender a se tornar um deles para não ser eliminado ou autoeliminar-se porque se continuou como um estrangeiro neste mundo novo. (COULON, 2008).

Para ele a instituição possui códigos que o estudante deve decifrar no sentido de permanecer neste local de forma legítima. Completa que, não basta adquirir as competências e sim, dominá-las, através da oralidade, escrita, referências teóricas e outras, “aprender os inúmeros códigos que balizam a vida intelectual” (p. 41).

Coulon aborda toda passagem do passado (ensino médio) até ao “novo” (ensino superior). Em seu livro *A Condição de Estudante: a entrada na vida universitária*, ele explica que, o estudante deve investir seu tempo para tornar-se membro e passar para a aprendizagem de ofício de estudante é nesse livro que encontramos o conceito de afiliação.

Podemos definir o conceito de afiliação, segundo Alain Coulon, como a condição em ingressar em novas modalidades intelectuais e sociais, em que houve a transição de aluno para estudante e que este adquire um novo status social fazendo parte agora do local em questão, a universidade. Este conceito está associado à noção de habitus de Bourdieu e ainda a noção de membro apontado por Harold Garfinkel.

A afiliação vai mais longe que a simples integração, ela é a aprendizagem da autonomia pela participação ativa em uma tarefa coletiva. Além da integração, a afiliação transforma o mundo universitário, inicialmente estranho, em um universo familiar que, em seguida, será identificado como tal pela “atitude natural”. Se afiliar, é então naturalizar, incorporando as práticas e os funcionamentos universitários para se tornar um membro competente da comunidade: é forjar para si um habitus de estudante, constituído no momento em que as rotinas e os allant de soi deixam para trás sensação de estranhamento e desorientação que experimentam os estudantes iniciantes. (COULON, 2008).

A regra apresentada, não está no sentido de regular e sim os caminhos que levamos estudante ter sucesso dentro do espaço acadêmico, vincula-se com percurso universitário, processo de permanência, tornar-se membro e o ofício de estudante os dois últimos já citados aqui, são os itens que resultam de afiliação.

O motivo de trazer a reflexão de Coulon é vincular ao tema de permanência e a condição do estudante e todo percurso de sucesso estudantil/universidade. Ser um estudante é um status provisório apontado pelo autor, sendo aluno referindo-se a etapa do ensino médio e estudante ao período da graduação.

O autor aponta três fatores específicos do ensino superior: é um ensino para adultos, onde o estudante conquista sua autonomia, é um ensino não obrigatório formalmente e é um ensino terminal que não prepara para outra etapa de ensino, com a ideia de pós-ensino superior, o estudante entraria no mercado de trabalho.

Na dissertação de mestrado de Rosélia Pinheiro de Magalhães (2013), intitulada *Assistência Estudantil e o seu papel na Permanência dos Estudantes de Graduação: A Experiência da Universidade Federal do Rio de Janeiro*, a autora apresenta as políticas de democratização do acesso ao ensino superior, mostra que por muito tempo a universidade brasileira foi um lugar da elite e diante desse cenário apresenta a assistência estudantil desenvolvida pela própria UFRJ.

Magalhães expõe o crescimento de jovens de origem popular na universidade pública, a dificuldade em permanecer e concluir a graduação que esses grupos apresentam.

A autora chama atenção para a necessidade da diversidade e pluralidade da “cara” da universidade por parte dos discentes. Tornando assim, o novo tipo de intelectual, quebrando aquela conservação do mesmo perfil que a universidade mantinha por anos.

Heringer (2022) aponta o processo de democratização no ensino superior brasileiro no início do século XXI. Essa democratização se deve pela adesão dos programas educacionais governamentais; O Fundo de Financiamento ao Estudante do Ensino Superior (FIES) um programa do Ministério da Educação (MEC), ENEM e SISU esses últimos já tratados aqui, expansão do sistema universitário público, com 18 novas universidades federais criadas nos anos de 2003 e 2014 e políticas de ação afirmativa nas IES para os estudantes do ensino médio público, baixa renda, pretos, pardos e indígenas. (Heringer 2022).

Para Heringer o acesso, permanência e sucesso no ensino superior se devem pelos recentes programas apresentado anteriormente, que atinge diretamente os estudantes de origem popular, não somente isso o apoio pedagógico apresentado pelas universidades, por exemplo, Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) esse financiado

pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ), PET, Auxílio Permanência dentre outros recursos que alimentam essa permanência.

Já o término do curso para Heringer (2022), leva em consideração a junção do desempenho escolar/acadêmico sua determinação e vontade de concluir o curso de cada estudante e mais a existência de planos e estratégias voltada para o prosseguimento e permanência universitária.

É importante expor a realidade que os estudantes apresentam até a vida acadêmica. Primeiramente, a transição do enorme passo para a vida adulta após o ensino médio e a possível entrada no ensino superior. O jovem que pensa o futuro se encontra em algumas dúvidas como a escolha da carreira.

A questão do sustento próprio e até familiar, concorre diretamente com os estudos em fazer ou não uma faculdade. Como se concentrar frente ao cansaço físico e psicológico que o trabalho proporciona para esse jovem? Se voltarmos para a classe popular, essa questão trabalho x estudos está em alta.

Mais uma vez os códigos apresentados por (Coulon 2008) são apresentados aqui. Esses jovens, pelo grande volume de trabalho, não tem familiaridade com as informações ou essas nem chegam até este estudante/trabalhador, dificultando ainda mais o acesso.

Dantas e Santos (2013), argumentam que não basta analisar de um ponto somente a experiência do ensino médio. Após esse período o estudante deve estar atento para os programas, projetos que o ensino superior possui, quais oportunidades este têm direito.

No período em que estive participando do PET, nosso grupo realizou visitas a algumas escolas da capital do Rio de Janeiro, com intuito de incentivar os estudantes que estavam no terceiro ano do ensino médio a ingressar no ensino superior e mostrar algumas vantagens da universidade. Através de apresentação e revezamento de cada integrante, o grupo apresentava suas experiências até a universidade e os programas universitários como; bolsa acadêmica, programa de extensão e outros projetos remunerados que a faculdade proporciona.

2.2. DADOS DA PREFEITURA DO RIO DE JANEIRO

Ainda sobre as desigualdades de oportunidades educacionais no acesso ao ensino superior, apresento aqui os resultados da pesquisa realizada pela Prefeitura do Rio de Janeiro que apontou a disparidade educacional entre os bairros do município.

O levantamento mediu o índice de progresso social (IPS) de 158 bairros do Rio. O público-alvo foram pessoas de 18 a 24 anos. O Complexo do Alemão ficou na última posição da tabela com um percentual de apenas 4% dos que frequentam ou cursam faculdade. Enquanto o bairro de Botafogo, o número pula para 69%.

O IPS considera questões do desenvolvimento humano e bem-estar. Nesse quesito a Barra da Tijuca lidera como o bairro de melhor progresso social e melhor bairro para se viver. Enquanto a Cidade Nova tem o seu pior índice de desenvolvimento da cidade, bairro que abriga a própria sede da Prefeitura e outras grandes empresas.

A falta de saneamento básico, falta de saúde, não possuir água encanada, falta de educação reflete diretamente nos números alarmantes que foram apresentados na pesquisa. É urgente que as autoridades se mobilizem e olhem para esses bairros a fim de reverter esse quadro negativo, com políticas públicas para aumentar os índices de educação e outros que foram mostrados no estudo e que os moradores possam ter mais oportunidades de acesso em geral que a cidade possui.

Levando em consideração a dificuldade que os estudantes de origem popular têm de acessar uma faculdade e o tempo tardio do acesso, 18 a 24 anos não venha a ser a realidade dessas pessoas, levando assim mais tempo até o sucesso da aprovação no vestibular.

Também não é realidade de grande parte dos moradores de favelas como da Maré e do Complexo do Alemão a familiaridade de estar presente em uma universidade. As duas favelas em questão são celeiros do campus Fundão da UFRJ, porém seus estudantes são de outros bairros do Rio de Janeiro.

Anielle Franco mulher negra cria do conjunto de favelas da Maré, localizado na Zona Norte do Rio de Janeiro cita a importância do sistema de cotas para garantir o acesso e permanência de pessoas negras nesse espaço. Franco que assumiu o cargo de Ministra da Igualdade Racial no governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, falou ao canal *SBT NEWS* sobre a importância de políticas que garantem tais permanências de pessoas negras.

... Quando eu era estudante da graduação nós recebíamos uma bolsa de duzentos reais e aqueles duzentos reais fazia uma diferença de quem vinha de longe, para se alimentar e tirar uma xerox (FRANCO 2024).

Baroni (2020) em seu artigo *Currículo, Táticas, Resistências* apresenta “táticas” que estudantes negros da periferia do Rio de Janeiro abarcam como resistência diária que o racismo estrutural retrata.

Podemos afirmar que o racismo estrutural é estratégico e que os praticantes pensantes, a partir das estratégias, tecem táticas cotidianas. Certeau (1994) utiliza os conceitos de estratégia e de tática no que tange ao consumo dos bens culturais e dos muitos e possíveis usos feitos deles, na maioria das vezes imprevistos. (BARONI 2020).

A autora optou por uma escrita de palavras juntas por entender que a separação poderia causar dicotomização em seus significados ou ainda uma hierarquia entre elas.

2.3. ACESSO PERMANÊNCIA NO ENSINO SUPERIOR NO BRASIL

As transformações no Ensino Superior público brasileiro, com base em legislações foram de extrema importância para se positivar tal mudança. O Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão nas Universidades Federais – REUNI (2007) expandiu as vagas que os estudantes iriam concorrer que também tinha em um de seus objetivos a redução das taxas de evasão e ainda criou outros campi chegando a outros municípios (vale destacar aqui, que um dos motivos de desistência e evasão por parte dos estudantes, são as grandes distâncias até a universidade).

A plataforma do Sistema de Seleção Unificada (SISU), em vigor desde janeiro de 2010 desenvolvida pelo Ministério da Educação brasileiro, é por onde os concorrentes que realizaram o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), que a partir de 2009, passou a ser utilizado como forma de ingresso nas instituições de Ensino Superior, também expõem a amplitude dos estudantes de origem popular ao Ensino Superior.

Ainda sobre as transformações no Ensino Superior, os tipos de ingressos também são apontados. A Lei nº 12.711 de 2012, chamada de Lei de Cotas, declara a reserva de vagas para pretos, pardos e indígenas, para estudantes que tenham realizado o Ensino Médio totalmente em Escolas Públicas, com renda familiar igual ou inferior a 1,5 salários-mínimos e pessoas com deficiência.

Como afirma Magalhães (2013):

As universidades públicas, espaços tradicionalmente voltados às classes dominantes vem se deparando, nos últimos anos, com uma mudança no perfil de seus estudantes. Este fato deve-se, principalmente à implementação das políticas de democratização do acesso, dentre estas as políticas de ação afirmativa, em especial as que reservam percentual das vagas para o ingresso de pessoas pertencentes aos grupos sociais desiguais como os negros, indígenas e pessoas oriundas da rede pública de educação.

Contextualizando de forma mais ampla o conceito de permanência, permanenciamos se limita apenas com ao estudante cursar o curso desejado, mas sim em atividades oferecidas no contraturno a esses grupos, para desenvolver aprendizagens.

O Plano Nacional de Assistência Estudantil (PNAES) ampara a permanência dos

estudantes de baixa renda que estão com matrícula ativa em instituições federais de curso superior, com objetivo de criar mais oportunidades e combater evasão, repetência e desistência.

Estabelecido pelo decreto nº 7.234, de 19 de julho de 2010, aponta que:

§ 1º As ações de assistência estudantil do PNAES deverão ser desenvolvidas nas seguintes áreas:

I - moradia estudantil; II -

alimentação;

III - transporte;

IV - atenção à saúde; V -

inclusão digital; VI -

cultura;

VII - esporte;

VIII - creche;

IX - apoio pedagógico; e

X - acesso, participação e aprendizagem de estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades e superdotação. (BRASIL, 2010).

O crescente aumento da expansão e oportunidades para o acesso à educação na última década é um fato. De 2003 a 2013, aumentou 86%, passando de 4 para 7 milhões.

2.4. AÇÕES AFIRMATIVAS

O trabalho em questão tem por objetivo responder, de qual maneira a permanência dos estudantes de origem popular acontece no ensino superior, quais os recursos e como fazem para manter alimentação e transporte. Nesse contexto, não poderão de ficar de fora, as cotas universitárias que surgem como ações afirmativas e que visam a valorização da população negra e indígena, além da inserção destes na sociedade. A Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) foi a pioneira a implementar este sistema em seu vestibular no ano de 2003, como forma de compensar a exclusão histórica dos grupos que foram marginalizados com o tempo.

Piotto (2007, p. 28) define o termo origem popular ao apontar que: “[...] as condições de existência das camadas populares, assim como das demais camadas sociais, não

constituem uma realidade homogênea.”. Sendo assim para a autora, o termo origem popular expande o significado e a delimitação de um grupo social, constata o conhecimento humano e participa de um olhar voltado para as políticas institucionais para os grupos em condições de mais vulnerabilidade sociais.

A ação afirmativa acarretará preconceito inverso ou irá reparar “buracos sociais, morais e históricos”? Essa pergunta é o que ronda a temática das ações afirmativas. Alguma pessoa já deve ter dito a você: “mas ele tem que estudar se esforçar para conseguir entrar na faculdade, não com uma cota, isso é o mesmo de falar que ele não tem condições para a aprovação”. Pois bem, de fato é um assunto que rende muita discussão a favor e contra. Vale lembrar que, muitas instituições resistiram para adotar o sistema de cotas com o argumento de que, a excelência e qualidade no ensino iriam diminuir dentre outros fatores.

A Universidade de São Paulo (USP) foi a última na adesão do sistema sendo sua inserção em 2018 e participação no Sistema de Seleção Unificada (SISU) em 2015. O que se deve analisar é o contexto da sociedade brasileira, frente às questões sociais. É de conhecimento da grande população brasileira, que nosso país, sofreu com o processo da escravidão que durou por séculos e que até hoje os resultados negativos ainda estão presentes no nosso dia a dia, tirando o negro dos principais espaços importantes e colocando-o na margem da sociedade. Entendemos assim, que os espaços acadêmicos, são uma das ferramentas que podem devolver (de certa forma) compensar e equiparar tal perda histórica mesmo que não seja por completa.

Esse resultado negativo citado anteriormente se estendeu em todas as áreas sociais e a educação também se inclui. A evasão escolar, por exemplo, de modo geral representa esse afastamento dos espaços acadêmicos. Muitos estudantes que estão nos espaços escolares, se veem dando preferência por ficar mais tempo nos trabalhos ainda que sejam informais e deixam de lado os estudos na tentativa de ajudar nas despesas financeiras do lar.

Quando se fala de ações afirmativas no Brasil significa falar de uma experiência de vitória. Vale lembrar que se trata de um ambiente político e de inúmeras disputas por cada grupo político, cada grupo com suas intenções e desejos.

A Conferência de Durban, África do Sul, por exemplo, foi um fórum internacional que reuniu diversas organizações, movimentos sociais e personalidades artísticas entre outros, que pensaram formas para combater diversos tipos de discriminação, intolerância e o racismo. Esta Conferência não inaugura nenhum tema, ela apenas condensa internacionalmente assuntos que são muito caros a nossa sociedade brasileira e mundial, como por exemplo, a dívida histórica ao povo negro africano que foi escravizado em muitos

países e que até hoje reflete negativamente.

Este fórum trazendo para o campo do direito é importante, uma vez que irá trazer a legislação e órgãos contra o racismo. A Conferência que ocorreu no mês de setembro no ano de 2001, foi ofuscada com o acontecimento do 11 de setembro. A mídia deslocou o debate da Conferência para o assunto do terrorismo.

Dados da Pró-Reitoria de Graduação (PR-1) da UFRJ, nos anos de 2010 até 2019, indicam que a média de abandono dos cursos foi de 11% e 12,7% no ano de 2019. Para (Klitzke, 2021), o afastamento do curso vincula-se com fatores educacionais de opções na hora da profissão, assim como ao desempenho acadêmico do estudante.

O primeiro ano do estudante é crucial para a permanência dele. Se ele passa dessa fase, a taxa de evasão cai muito. Por isso, é importante desenvolver tutorias e monitorias que ajudem a sanar dificuldades que venham do ensino médio. É importante para que ele consiga se integrar melhor academicamente e permanecer no curso (KLITZKE, 2021).

Em 2022 o Nexo jornal publicou uma matéria em seu site com o título “Os cotistas evadem mais da universidade? Alguns indicadores da UFRJ” com dados da própria Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e este apontou que os anos de 2012, 2013, 2014 homens negros foram os que mais evadiram, seguidos dos homens brancos, as mulheres têm o percentual de conclusão maior com uma vantagem para as mulheres brancas².

A UFRJ considerou o crescimento dos alunos que abandonaram acima do “normal”. E os motivos para o afastamento se devem as questões financeiras, falta de informações dentre outros. No começo da pandemia até 2022, 12.754 estudantes deixaram a UFRJ, segundo uma reportagem do O Globo e mais de 5 mil são cotistas.

A reportagem informa que a universidade atuará no resgate desses alunos, solicitando aporte suplementar de recursos ao governo federal para conseguir mais bolsas. E o reitor Roberto Medronho, planeja produzir mais oportunidades para que esses estudantes consigam estágios em iniciativa privada.

O aluno das ações afirmativas possui uma vontade muito grande de se formar, porque o diploma mudará a vida da família dele e da comunidade ao redor. Se esse aluno desistiu, é porque existiu uma barreira muito grande (MEDRONHO, 2023)

Nos primeiros anos da graduação, estudando sociologia da educação e os teóricos, pude observar temas como desigualdade e disparidade na educação e o quanto a escola está

²² Disponível em: <https://pp.nexojornal.com.br/opiniao/2022/os-cotistas-evadem-mais-da-universidade-alguns-indicadores-da-ufrj> Acesso em 13/06/2024.

enviesada para um grupo específico. Para Bourdieu, a cultura escolar e os valores presentes na escola são apresentados de forma arbitrária e que são apontados como cultura legítima e amparados ainda pela classe dominante.

Em outras palavras o que se observa, são posições relacionadas ao privilégio de um grupo ou indivíduo. Bourdieu realiza uma profunda e teórica pesquisa aos condicionamentos materiais e simbólicos que atuam sobre nós sociedade e indivíduos. Nessa ocupação frente à sociedade, não depende apenas da quantidade de dinheiro que acumulamos ou até mesmo a situação de prestígio que possamos ter com os títulos que obtemos ao longo de nossa formação, e sim na articulação de sentidos que essas questões podem assumir em cada situação.

3. BREVE HISTÓRICO DA UFRJ E IMPLEMENTAÇÃO DAS AÇÕES AFIRMATIVAS

A história da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) inicia com a vinda da Família Real portuguesa para o Brasil e com a fusão da Escola de Engenharia criada em 1810, a Faculdade de Medicina criada em 1832 e a Faculdade de Direito em 1891. Com um conjunto de leis a universidade teve seu nome alterado. Em 5 de julho de 1937, a universidade passa a se chamar Universidade do Brasil que antes era Universidade do Rio de Janeiro (URJ), somente em 1965 no contexto da ditadura militar, o governo federal padronizou o nome das instituições federais e assim, a universidade ganha o nome atual de Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Antes da instauração da ditadura militar de 1964, as décadas de 1950 e 1960 foram marcadas pela força dos movimentos educacionais, que reivindicavam uma educação ampla, democrática, gratuita e de qualidade, esses movimentos foram fortemente massacrados e oprimidos pelo governo militar daquela época e até os dias atuais ainda necessita resistir, para que a educação não seja “vendida”.

Em 20 de agosto de 1965 no auge do regime totalitário militar brasileiro, o governo federal por meio da Lei nº 4.759, sanciona o artigo com as nomenclaturas para as universidades e escolas técnicas federais da União que seriam qualificadas de “federais”.

Vale ressaltar ainda, que após o golpe de 1964 os movimentos sociais foram extremamente reprimidos e vários intelectuais tiveram que se exilar para que não fossem presos, como aconteceu com o ex-deputado federal Abdias do Nascimento entre outros.

Abdias do Nascimento foi um grande expoente político para a cultura negra e militante na luta contra o racismo. Apresentou o projeto de lei para incluir a história da África e acultura negra nos currículos escolares e a criação do sistema de cotas raciais no ensino superior, é de sua autoria o projeto de lei n. 1.332/1983, onde argumentou:

Os africanos não vieram para o Brasil livremente, como resultado de sua própria decisão ou opção. Vieram acorrentados, sob toda sorte de violências físicas e morais; eles e seus descendentes trabalharam mais de quatro séculos construindo este país. Não tiveram, no entanto, a mínima compensação por esse gigantesco trabalho realizado. (...) É tempo de a Nação brasileira saldar esta dívida fundamental para com os edificadores deste país. (...) Fazem-se necessárias, portanto, medidas concretas para implementar o direito constitucional da igualdade racial (NASCIMENTO, 1983).

A Pró-Reitoria de Graduação (PR1) da Universidade Federal do Rio Janeiro

disponibiliza bolsas acadêmicas de Monitoria, por exemplo, para o Apoio Pedagógico para os estudantes dos campi UFRJ-Macaé e Duque de Caxias, visando espaços para discussão e reforço básicos, nas disciplinas iniciais, a fim de diminuir evasões e reprovações. Os interessados (as) deverão fazer movimentação burocrática de documento como, por exemplo, cadastro pessoal no Sistema Integrado de Gestão Acadêmica (SIGA), cadastrar ainda uma conta bancária também no SIGA dentre outras exigências.

O Apoio Pedagógico citado anteriormente refere-se ao auxílio financeiro, que é extremamente importante para sanar questões como: transporte, alimentação, xerox do conteúdo disciplinar dentre outras pautas dos estudantes que estão em vulnerabilidade econômica, porém não se limita apenas ao financeiro, se estende ainda em projetos de pesquisa e de extensão, para que possamos diminuir as desigualdades educacionais e consequentemente sociais em que estamos inseridos.

A grande elitização que houve no Brasil em relação ao ensino superior desde sua fundação a exemplo da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), esta não foi pensada em um ensino inclusivo, democrático que estivesse voltada para a grande massa da população brasileira, isso se aplica também as outras universidades brasileiras. Ainda que a expansão de matrículas no ensino superior nos anos 1960 foi alta e posteriormente nos anos de 1980 e 1990 com as instituições privadas e nos últimos 20 anos uma grande onda de matrícula no ensino superior público, a porcentagem de matrícula ainda se encontra baixa em relação a taxa líquida de padronização internacional.

O percentual de 21% dos que possuem diploma de ensino superior no Brasil, fica abaixo da média dos países que compõe a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE).

A partir dos anos de 1990, houve uma pressão de grupos de pessoas que se encontravam amplamente excluídos do ensino superior e fez se organizar Pré- Vestibulares Populares/Comunitários (PVP/C) a fim de ajudar outras pessoas com o próprio conteúdo das provas do vestibular e questionar a não participação de pessoas das classes mais populares que não estavam no ensino superior. A partir de então, os cursos preparatórios de Pré- Vestibular Populares/Comunitários passam a ser protagonistas nas classes populares até os dias atuais com o objetivo principal de democratizar o ensino.

4. PERCEPÇÕES DE ESTUDANTES SOBRE SUA TRAJETÓRIA UNIVERSITÁRIA

Alguns relatos presentes nas entrevistas mostram dificuldades tanto a nível material quanto a nível simbólico, definição de permanência, estratégias criadas pelos próprios estudantes para se manter na universidade e no curso e reconhecimento de se identificar dos demais grupos de estudantes universitários.

Após o envio das perguntas através do Whatsapp, recebemos 5 respostas. Destas destacamos aqui alguns pontos para reflexão, a partir das experiências e percepções dos estudantes. Os nomes dos entrevistados são fictícios.

Sobre o incentivo para continuar estudando após completar o Ensino Médio, Laura, estudante do curso de Serviço Social, responde que teve incentivo da mãe e da madrinha para alavancar e cursar o ensino superior.

“Durante o ensino médio comecei a ter contato com pessoas do movimento negro e militantes. Sempre me identifiquei como Preta, mas não entendia algumas questões. Na época do ensino médio queria cursar direito, por fim passei para Serviço Social na UERJ, estou amando a experiência, minha madrinha que também já estudou na UERJ sempre me incentivou a fazer uma faculdade e minha mãe também mandava eu fazer uma faculdade para ser alguém na vida. A bolsa financeira que possuo na UERJ ajuda muito a minha vida lá dentro da UERJ e posso dizer que até aqui fora, pois consigo ajudar em casa e pagar algumas contas, tenho certeza que essas bolsas que a UERJ e outras universidades têm ajuda demais os estudantes. Não sei como seria em relação a tempo se eu estivesse trabalhando de carteira assinada, pretendo me formar e continuar estudando e atuar na área.” (Laura, 23 anos).

Segundo Santos (2009), as ações afirmativas promovem a participação dos estudantes pretos e pardos a cursos que historicamente não frequentavam. Contudo esses estudantes ainda enfrentam dificuldades para permanecer no curso superior, quanto a recursos materiais, quanto ao simbólico em fazer parte do ambiente acadêmico. O questionário foi enviado a estudantes de outras universidades públicas, não ficando restrito a UFRJ.

Moisés, estudante do curso de História da Arte na UFRJ, conta que não teve a melhor estrutura para ingressar na universidade, começou a fazer pré-vestibular em seu tempo ocioso e relata as inúmeras dificuldades durante a graduação, em não saber lidar com editais para as bolsas e a complexidade em assimilar todo conteúdo do curso.

Sou homem trans, Preto, antes de estar na universidade morava no Morro dos Prazeres com muitas questões delicadas. Comecei a frequentar o Pré-Vestibular para não ficar de bobeira sem fazer nada, pois eu já havia terminado o ensino médio, porém, não estava trabalhando, mas sempre gostei de estudar na medida do possível e de ler. No início queria fazer Filosofia, até ser aprovado para História da Arte na UFRJ. Quando anunciei para minha família e meus amigos, sobre o curso que iria iniciar, ninguém entendeu nada, acho que por eles não entenderem sobre o curso e também sobre o estereótipo que tem que ser médico, advogado ou engenheiro. Apesar disso o curso era minha primeira opção e

eu estava feliz e animado em fazer enfim uma faculdade. Sobre a pergunta que você me faz sobre minha trajetória, já falei que foi muito difícil, pelo fato de ser o primeiro da família a estudar em uma universidade, até entre meus amigos e pelo fato de eu não conhecer o local em si. No começo fiquei sabendo sobre moradia e alojamento e eu já queria sair de casa, para conseguir um quarto lá no alojamento da UFRJ, foi uma eterna guerra, até que compreensível, pois tem muitos estudantes que precisam desse espaço, porém via muita gente que não precisava querendo estar ali. Foi até isso mesmo que me deu mais forças para conseguir meu lugar ao sol por lá e eu conseguir. Os editais para apoio pedagógicos são eu diria escondidos, você tem que correr muito atrás ou na frente para conseguir e ainda assim reunir vários documentos para mandar, alguns documentos as vezes o estudante nem possui mais e tem que entregar lá para eles e os prazos são extremamente curtos. Com toda dificuldade conseguir finalizar o curso, já trabalho com pesquisa em iconologia que é um dos temas principais da História da Arte (Moisés, 26 anos).

Importante ressaltar a força atuante do movimento negro frente às adversidades eo racismo. Uma das principais organizações do movimento negro contemporâneo, o Movimento Negro Unificado (MNU), que surge em 1978 no contexto da ditadura militar brasileira em São Paulo, nas escadarias do Teatro Municipal, convocou a população para estar de frente em um debate presente, para as questões de violência racial que acontecia.

O assassinato do comerciante e morador do bairro de Guaianases, RobsonSilveira da Luz, desencadeou esta organização que era composta por militantes, universitários, professores e outros.

A relação aqui apresentada, são as reivindicações educacionais que o MNU demandava para negros e negras, como titulóu o portal do Geledés (2013) “MNU – AS LUTAS E BANDEIRAS AINDA SÃO AS MESMAS DE 1978”³.

As reivindicações do Movimento Negro Unificado; vão desde pressionar as autoridades por igualdade racial, denunciar o racismo geral em todas as áreas sociais, demarcação de terras indígenas e na área educacional a lei de cotas e a importância do ensino de história e cultura afro-brasileira, que hoje se apresenta nas leis 12.711 e 10.639 respectivamente.

O depoimento de Lua, 24 anos, traz mais elementos para esta reflexão.

Sou mulher preta tenho 24 anos, moro em Brás de Pina no Rio de Janeiro, estou cursando licenciatura em Música na UNIRIO e sempre pensei em fazer faculdade, minha mãe e minha tia sempre falavam para eu cursar uma faculdade, mas nessa época eu não entendia bem o quanto isso era importante. Depois de concluir o ensino médio e após 5 anos veio enfim minha aprovação para o ensino superior. O curso em música é minha primeira opção, porém achei o curso como posso dizer... não sei bem qual é a palavra, será que vai ajudar para sua pesquisa? (risos), a primeira semana sendo bem sincera eu estava perdida e não precisa colocar aspas. Já de início foi uma dificuldade chegar lá no prédio, sabe! A grande distância da minha casa e eu só pensava que seria esse percurso no mínimo de 4 a 5 anos. E outra o povo era bem diferente do que eu estava acostumada a viver. Eu lembro que no mural que tinha com os nomes das matérias, professores e horários tinham várias siglas que eu realmente não entendia,

³ Disponível em: https://www.geledes.org.br/mnu-as-lutas-e-bandeiras-ainda-sao-as-mesmas-de-1978/?gclid=Cj0KCQiA4Y-sBhC6ARIsAGXF1g7MhEMpHRFCivNopSXA7LMw1aFeEVauqydXZpqCsaqBqX9_ap3XwoMaAnLTEALw_wc_B
Acesso em 13/06/2024.

sigla do tipo: “AMUI” e que na mesma semana e por sorte né eu fui descobrir que era “Análise Musical 1”. E meus reais objetivos com a graduação para o futuro é ser aprovada em um concurso público que eu tenha um salário digno para que eu consiga me manter e pagar minhas contas e ainda continuar meus estudos para fazer pós graduação, mestrado e doutorado. Hoje estou no 4º período de música mais madura já reconhecendo como funcionam os termos técnicos e já conhecendo as siglas (risos) (Lua, 24 anos).

O depoimento da estudante Lua, do curso de música, evidencia o percurso que o estudante faz até o momento do primeiro contato com o local acadêmico. O tempo de estranhamento (COULON, 2008), o processo de aprender o “ofício de estudante” ou ser participante da comunidade acadêmica, são conceitos presentes neste relato que podem ser base para o estudo do tema. Apesar do aumento de matrículas na educação superior ainda que de forma mundial de 500 mil para 100 milhões de estudantes inscritos (NEVES, SAMPAIO, & HERINGER, 2018) e de 1995 e 2011 185 milhões de estudantes cursando o ensino superior (PRATES & COLLARES, 2014).

Vejamos o depoimento de Izacson:

Meu caso é de uma família de igreja evangélica e que eu também frequentava os cultos. Desde pequeno, meus pais priorizavam os meus estudos e do meu irmão e da minha irmã e lá na igreja as atividades eram sempre voltadas para a educação. Tinha muita leitura né, por causa da bíblia e comecei a ter aula de violão e guitarra. Eu já estava no ensino médio já para terminar meus pais me perguntavam se eu cursaria uma universidade e eu não sabia responder, mas falava que sim. Quando terminei o ensino médio fiquei trabalhando com meu pai na Penha Zona Norte do Rio de Janeiro, onde também moro. Porém nesse período eu mesmo próprio sentia que eu precisava de algo mais. Foi quando comecei a procurar curso para me preparar para a prova do vestibular. Entrei em um Pré-vestibular Comunitário perto da minha casa e minha mente ampliou muito para além dos estudos, não passei de primeira, mas continuei no curso e passei no ano seguinte para o curso de Biblioteconomia na UNIRIO. A aventura de cruzar a Avenida Brasil em um trânsito caótico era bem desgastante. Pois bem, fiquei na UNIRIO até o terceiro período, tranquei minha matrícula e realizei o vestibular novamente, dessa vez da própria UERJ e consegui a aprovação. Não é fácil, porém por ser no campus Maracanã é um pouco mais acessível. Minha experiência na UERJ tem sido digamos boa, consegui a bolsa auxílio ajuda demais nos gastos, troca de experiência com outras pessoas também enriquece na minha formação acredito, e ótimos professores. Pretendo me formar e trabalhar em alguma escola como professor ou até trabalhar em alguma pesquisa relacionada ao carnaval (Izacson, 30 anos).

De 2009 e 2015 aumentou 25% o acesso de pretos e pardos no ensino superior. Para Tatiana Silva do IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada) o crescimento de pretos e pardos no ensino superior vai além das ações afirmativas, ampliação de vagas, abertura de mais campi e democratização do ensino.

Outro depoimento nos traz mais alguns elementos para pensar a trajetória destes estudantes:

Depois que terminei o ensino médio em 2007 não sabia o que iria fazer para continuar estudando porque não tinha um curso em mente. Com isso arrumei trabalho para me manter e em 2015 comecei a trabalhar em uma empresa de telemarketing, apesar de ganhar experiência em carteira, viver o ambiente de trabalho e fazer amigos, o trabalho não me deixava fazer minhas coisas pessoais, porque eu ficava muito cansado mentalmente. Decidi que com o meu salário que era pouco iria pagar uma faculdade para eu continuar estudando, eu queria fazer jornalismo, depois percebi que não iria conseguir pagar a faculdade com aquele salário. Foi então, que em 2016 fiz o Enem e depois da reclassificação consegui a aprovação

para o curso de Pedagogia na UFRJ, fiquei extremamente feliz, por sabe o quanto é difícil entrar em uma universidade pública e mesmo não sendo o curso que pretendia fazer aceitei o desafio em cursar e em 2017 no primeiro semestre comecei meus estudos por lá e gostei (Menezes, 30 anos).

Amaral (2011) aponta que o curso de Pedagogia e os de licenciatura tem o não querer dos estudantes, entretanto um dos mais cultural e economicamente, dentro do Programa Universidade para Todos. “X”, docente da própria UFRJ, conta que já teve estudante classe média alta ator(a) de novela, “X” conta que a escolha pelo curso muito tem relação com pai/mãe ter uma escola ou já estar atuando na área de educação. (“X” é para preservar a identidade da pessoa).

Ferreira (2014) argumenta ainda, que o curso de Pedagogia tem os estudantes de famílias de baixa renda e baixa escolaridade e com recorte racial. A procura por estudantes brancos no curso diminuiu, enquanto a procura por estudantes negros aumentou e o motivo seria a concorrência no vestibular.

Ao final das entrevistas com os 5 estudantes, podemos chegar a algumas conclusões, pontos em comum e alguns padrões foram observados, como, por exemplo, o conceito de origem popular (PIOTTO, 2007) já definido anteriormente presentes nesses estudantes.

A grande dúvida de qual curso realizar após o ensino médio, fazendo assim uma demora de um a dois anos no mínimo até o ingresso ao ensino superior. A distância geográfica da residência para a universidade. Apenas um cogitou ingressar no ensino privado, mas este próprio ingressou no ensino público, totalizando assim, os 5 no ensino superior público. O padrão de concluir o curso e atuar na área também se repete.

O caso da estudante Lua vai ao encontro com o conceito de afiliação (COULON, 2008), ela relata a estranheza ao chegar à universidade, como por exemplo, a sigla de uma disciplina específica: “... a primeira semana sendo bem sincera eu estava perdida”...“Eu lembro que no mural que tinha com os nomes das matérias, professores e horários tinham várias siglas que eu realmente não entendia sigla do tipo: AMUI”.

No entanto, as dificuldades apresentadas pelos entrevistados tem relação com o cotidiano acadêmico, como a estranheza nas primeiras semanas, o curto tempo para entrega de documentos, a própria dificuldade em conduzir de forma harmônica o curso, são as adversidades encontradas por estes estudantes.

Vemos a ampliação das matrículas no ensino superior como um fator positivo, porém a universidade deve estar voltada ou deveria com o sucesso de seus discentes, uma vez que a democratização relaciona-se majoritariamente com estudantes pretos, pardos e indígenas. Vargas e Heringer (2016) apontam que as instituições pensaram a permanência desses

“novos estudantes” no processo de ampliação das matrículas. Vale salientar que o sucesso se relaciona com o além da sala de aula, os simpósios presente na universidade, congressos e a conclusão no tempo estimado compõe o êxito na vida acadêmica.

4.1 PERGUNTAS E RESPOSTAS

Ao longo deste trabalho, buscou-se responder as questões; “como fazem para permanecer?”, “quais os recursos?” e “como fazem para custear transporte, alimentação e material?”. Resaltar que podemos entender essas perguntas como sendo única, possuindo sentido em comum.

“Como fazem para permanecer?”. De forma individual o estudante deve procurar destrinchar as adversidades que aparecem na trajetória dentro da academia, neste molde Heringer (2022, p. 64) destaca: “é possível considerar que a conclusão do curso resulta tanto de uma determinação e atitude individual quanto da existência de um projeto institucional que promova os incentivos necessários para que esse sucesso ocorra”.

Mancovsky (2015) apresenta ações de apoio nos primeiros dois anos da graduação a fim de evitar a evasão, a autora nomeia como “Pedagogia dos Inícios”, tratando da relevância do papel dos docentes neste primeiro início do curso. Cita que “dúvidas crônicas se convertem em um fator de abandono”.

“Quais os recursos?”. A questão que se faz presente é que os recursos vão além dos recursos materiais. Importante um projeto que esteja voltado e compromissado com a educação em geral, neste âmbito o conjunto de Leis são recursos sólidos que estão aliados a este projeto. A Lei 10.639/03 que estabelece a obrigatoriedade do ensino da História e Cultura afro-brasileira e a Lei 12.711/12 que estabelece 50% das matrículas por curso nas universidades federais e institutos federais de educação são exemplos disso.

Em entrevista ao site Brasil de Fato a professora Dyane Brito fala do sucesso da Lei de cotas 12.711/12, ela cita que a Lei trouxe mudanças positivas e significativas nas principais universidades do Brasil⁴.

“Como fazem para custear transporte, alimentação e material?”. As bolsas acadêmicas que auxiliam os estudantes de forma rentável são o carro chefe nestas questões. Programas como: PET, PIBIC, Bolsa Auxílio e Permanência são exemplos. Já no transporte

⁴ Disponível em: <https://www.brasildefatoba.com.br/2022/04/18/a-lei-12-711-2012-trouxe-uma-transformacao-importante-nas-universidades-afirma-dyane-brito> Acesso em 13/06/2024.

o estudante comprova por meio de documento de residência, por exemplo, e se estiver deferido o mesmo recebe um cartão de transporte para auxiliar sua ida até a universidade. A Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) oferece de um cartão exclusivamente para os estudantes ter o direito a alimentação.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As instituições de ensino superior pública no Brasil são espaços de formações profissionais qualificadas. Estas fomentam o setor produtivo, além de fazer parte das pesquisas nacionais de relevância para o país.

Mostrou-se aqui nesta monografia à vontade e o desejo dos estudantes de fazer parte desse espaço acadêmico por essa importância e possuir um título acadêmico para melhor inserção no mercado de trabalho e também realizar um sonho de cursar um curso superior. Contudo, o que foi apresentado por meio de relatos de vida, são os percalços e dificuldades até a chegada ao ensino superior.

Pontos como evasão, não estímulo, não conseguir conciliar os estudos com o trabalho e o deslocamento são variáveis sociais que se apresentam cotidianamente na vida dessas pessoas dificultando de prosseguir os estudos.

As instituições de ensino superior por meio de leis e de políticas educacionais precisam estar atentas às necessidades dos estudantes que recentemente ingressaram na universidade para assim desvendar os códigos (Coulon, 2008). Assistência estudantil como política facilitadora para garantir essa permanência no espaço acadêmico com mais qualidade.

Heringer e Honorato (2015) apresentam o objeto de estudo dos alunos do curso de Pedagogia com ingresso em 2011 e 2012 (as pioneiras com reserva de vagas para estudantes de escola públicas). A implementação de políticas institucionais de democratização, para o acesso e permanência aos “novos estudantes”, a fim de democratizar o acesso. Com grande aumento nas matrículas da educação superior pública essa pesquisa se faz necessária, para obtermos mais informação da situação desses estudantes e em que precisa de melhoria.

Citam ainda, o contingente dos “novos estudantes” no ensino superior como um fator positivo, porém os dados do Ministério da Educação mostram uma queda nos números de concluintes destes estudantes (apontam que em 2012, 7% da rede privada e 4% da rede pública). Sendo assim, a permanência e a conclusão no curso de graduação são as barreiras que impedem o sucesso acadêmico.

A importância de pesquisar esse tema de permanência e o destino dos estudantes de origem popular a fim de investigar seu status acadêmico. Deve-se levar em conta os cargos como superintendência para se ter um panorama de como estão estes “novos estudantes” e em os orientar.

Buscar ampliar ainda mais essa temática, para que a informação circule para um número maior de estudantes e que mais pessoas possam ser beneficiadas de forma justa pelos inúmeros programas seja de forma de bolsa auxílio/permanência, moradia, transporte, ajuda psicológica, incentivo a cultura, auxílio no conteúdo programático do curso, ações voltadas para estudantes com deficiência, possíveis viagens, intercâmbios e outros benefícios que estão disponíveis na universidade.

Os coletivos negros que existem dentro das universidades públicas, precisam orientar, os novos estudantes de origem popular negros, pardos e indígenas para que estes não fiquem a mercê apenas da universidade.

Penso na força, reconhecimento e autonomia destes coletivos em tomar a frente dessas questões para não apenas esperar ajuda da universidade. Os estudantes precisam estar no centro do debate, não se trata da atenção da instituição, mas sim da necessidade real da luta por oportunidades.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, S. . Racismo estrutural. [Structural Racism]. São Paulo: Pólen, 2019. 264 p. ISBN 978-85-98349-75-6

AMARAL, Daniela Patti do. O ProUni e a conclusão do ensino superior: questões introdutórias sobre os egressos do programa na zona oeste do Rio de Janeiro. Relatório de Pesquisa (Pós-Doutorado em Administração Pública). Rio de Janeiro: FGV, 2011.

BARONI, P. R.; CONCEIÇÃO, D. G. da. CURRÍCULO, TÁTICAS, RESISTÊNCIAS: maneiras de fazer de estudantes egressos negros em tempos de regulação autoritária. Revista Espaço do Currículo, [S. l.], v. 13, n. 3, p. 446–462, 2020. DOI: 10.22478/ufpb.1983-1579.2020v13n3.53947. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/rec/article/view/53947> Acesso em: 13 ago. 2024.

Biko, S. (1990). Escrevo o que eu quero - Editora Ática.

BOURDIEU, Pierre. A escola conservadora: as desigualdades frente a escola e a cultura. IN: Escritos de Educação. Petrópolis: Vozes, 2007, p. 39-64.

_____; PASSERON, Jean-Claude. A reprodução: elementos para uma teoria dosistema de ensino. 2. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.

COULON, Alain. A condição de estudante: a entrada na vida universitária. Salvador: EDUFBA, 2008.

_____. O ofício de estudante: a entrada na vida universitária. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 43, n. 4, p. 1239-1250, out./dez., 2017.

DANTAS, Lys Vinhaes; SANTOS, Georgina G. dos. Escola não é lugar para discutir o futuro? Reflexão sobre a percepção de alunos concluintes do ensino médio em Santo Amaro, Bahia. Anais. III Simpósio Baiano de Licenciaturas. 2013.

FERREIRA, Marcos Felipe Ferreira. O curso de Pedagogia: perfil de ingresso, inserção profissional e promoção social. Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de Brasília. Brasília: UnB, 2014.

HERINGER, Rosana (2022). **Permanência estudantil no ensino superior público brasileiro: reflexões a partir de dez anos de pesquisas**. Cadernos De Estudos Sociais, 37(2). [https://doi.org/10.33148/CES\(2143\)](https://doi.org/10.33148/CES(2143)).

HONORATO, G.; HERINGER, R.(orgs.). **Acesso e sucesso no Ensino Superior: uma sociologia dos estudantes**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2015.

KILOMBA, Grada Nota: Fala dita durante entrevista no programa “Roda Viva”, em maio de 2024.

MAGALHÃES, Rosélia Pinheiro de. Assistência Estudantil e o Seu Papel na Permanência dos Estudantes de Graduação: A Experiência da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

2013, Rio de Janeiro. Dissertação de Mestrado ao Programa de Pós- Graduação em Serviço Social – PUC-RJ.

MANCOVSKY, V.; MORENO BAYARDO, M.G La formación para la investigación en el posgrado. Buenos Aires: Ed. Novedades Educativas, 2015.

MINNER, H. O ritual do corpo entre os Sonacirema. *American Anthropologist*, Arlington, v. 58, p. 503-507, 1956. Tradução de: Body ritual among the Nacirema. <https://comunicacaoesporte.files.wordpress.com/2011/03/nacirema.pdf> Acesso em: 1fev.2016.

NEVES, C. E. B., Sampaio, H., Heringer, R. (2018). A institucionalização da pesquisa sobre ensino superior no Brasil. *Revista Brasileira de Sociologia*, v. 6, p. 19-41, 2018.

PIOTTO, D. C. As exceções e suas regras: estudantes das camadas populares em uma universidade pública. 2007. 361f. Tese (Doutorado em Psicologia) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2007.

PRATES, A. A., & Collares, A. C. M. (2014). Desigualdade e expansão do ensino superior na sociedade contemporânea. Belo Horizonte: Fino Traço.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: QUIJANO, Anibal. (2005).

SANTOS, Dyane Brito Reis. Para além das cotas: a permanência de estudantes negros no ensino superior como política de ação afirmativa. 2009. 214 f. 2009. Tese de Doutorado. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

Sites:

<https://porvir.org/permanencia-da-juventude-negra-no-ensino-superior/>

<https://oglobo.globo.com/brasil/educacao/com-universidades-em-colapso-brasil-tem-uma-das-menores-taxas-de-pessoas-com-ensino-superior-no-mundo-23936365>

https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2023/04/22/so-4percent-dos-jovens-de-18-a-24-anos-do-alemao-frequentam-ou-cursam-faculdade-em-botafogo-sao-69percent.ghtml?utm_source=share-universal&utm_medium=share-bar-app&utm_campaign=materias

<https://www.youtube.com/watch?v=up-F2Pzf0LY&t=744s>

<https://www.youtube.com/watch?v=AMzRpDcyp1A>

ANEXO 1: ROTEIRO DAS QUESTÕES

1. Como você se identifica?()

Mulher

() Homem

() Gênero Não-Binário

() Outro. Qual? _____

2. Como você se identifica?()

Preto (a)

() Branco (a)()

Indígena

() Quilombola

() Outro. Qual? _____

3. Qual sua idade?()

18 a 30 anos

() 30 a 40 anos

() 40 a 50 anos

() Outro. Qual? _____

4. Durante a graduação você estava trabalhando?

5. Qual é seu curso? Quem te influenciou a cursar o ensino superior?

6. Quanto tempo após o ensino médio você conseguiu sua aprovação para a universidade?

7. O seu curso é a sua primeira opção?

8. O que pretende com o curso que está fazendo? Pretende continuar estudando?

9. Conte um pouco de sua trajetória até o ensino superior, durante a graduação houve algum auxílio, bolsa acadêmica ou apoio pedagógico nesse período?

10. Quais estratégias você usou para estar na universidade?